

GALINSKY, Karl. *Augustus*. Introduction to the life of an Emperor. New York: Cambridge University Press, 2012. 200 p.

Natália Frazão JOSÉ*

“A história da vida de Augusto é tão esplêndida quanto suas conquistas” (GALINSKY, 2012, p. XXIII). É com esta frase que o pesquisador Karl Galinsky inicia mais uma de suas obras sobre este Imperador Romano, demonstrando uma das características dos mais recentes estudos historiográficos acerca deste determinado Imperador Romano: para entendermos quem foi o governante torna-se imprescindível compreendermos o homem, o ser humano por trás do que hoje entendemos como a época augustana. É com o intuito de nos proporcionar uma rápida explicação de tais aspectos que Karl Galinsky nos apresenta a obra em questão.

Galinsky detém, atualmente, o título de *Floyd A. Cailloux Centennial Professor of Classics da University of Texas* em Austin. Formou-se em Bowdoin College no ano de 1963, obtendo seu PhD em Princeton, em 1966. O autor possui inúmeras publicações, principalmente em assuntos relacionados a civilização romana, sendo considerado um dos maiores especialistas sobre a Época de Augusto em Roma.

No livro *Augustus. Introduction to the life of an Emperor*, Karl Galinsky desenvolve a análise de um grande repertório de documentos de natureza variada, como histórias, biografias, inscrições epigráficas, moedas, papiros e textos judiciais. Tais tipos documentais são citados e explicados pelo próprio autor, no início de sua obra, onde este esclarece como formou-se seu *corpus* documental e como o mesmo o auxilia em seus estudos sobre Augusto e sobre a sociedade romana daquele período. Contudo, é a partir do Prefácio que conseguimos uma maior compreensão sobre os objetivos de Galinsky ao dedicar-se a escrita desta obra. Fruto de um convite por parte de Beatrice Rehl, o livro em questão compõe uma vasta coleção da Cambridge University Press que dedica-se a publicar obras de caráter sucinto sobre o que próprio autor denomina como “figuras-chave” da Antiguidade Clássica. Desta maneira, o propósito de Karl Galinsky com este livro é concentrar-se na vida de Augusto e em seu impacto na sociedade romana do período, promovendo informações iniciais, concisas e introdutórias, estimulando, por conseguinte, o leitor na busca por um conhecimento mais amplo. Objetivo este que fica explícito na maneira que divide seu trabalho, contando este com

* Doutoranda em História - Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP - Campus de Franca, São Paulo, Brasil. Membro do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (G.LEIR –UNESP/Franca). Bolsista FAPESP. E-mail: ntjhist@gmail.com.

oito capítulos, os quais seguem as variadas etapas da vida deste importante Imperador Romano.

O Primeiro Capítulo, intitulado “*From Velitrae to Caesar’s heir*”, trata dos períodos iniciais da vida do jovem Otávio, partindo desde seu nascimento até o momento da morte de seu tio, Júlio César. Faz-se importante destacar, como sabiamente salienta nosso autor, que a infância e a adolescência não possuem para os romanos o mesmo significado que nosso tempo atribui a elas, ou seja, não são vistas como os períodos de formação de um ser humano, de seu caráter. Sendo assim, os anos iniciais do futuro Augusto não são extensamente retratados pelos escritores de sua própria época. As construções acerca deste período são realizadas posteriormente, quando Otávio torna-se Augusto e, normalmente, são repletas de caracteres místicos e emblemáticos.¹ Filho de Áttia e de Caio Otávio, Otávio nasceu entre 22 e 23 de setembro de 63 a.C. Para Karl Galinsky, apesar de grande parte dos autores narrarem o nascimento de Otávio próximo ao Palatino, é mais provável que o mesmo aconteceu na casa de sua família, em *Velitrae*, uma pequena cidade localizada no *Latium*. A versão do Palatino seria uma construção bem posterior, uma tentativa de aproximar cada vez mais Otávio a Roma (GALINSKY, 2012, p. 02).

No decorrer do capítulo, Galinsky dedica-se a analisar a família de Otávio, destacando principalmente a sua relação com Roma, a qual provém desde seu pai, que adentrou o *cursus honorum* romano, chegando a tornar-se governador da Macedônia. Pelo lado materno, as conexões são ainda mais importantes. Áttia era filha de Júlia, irmã de César, e, seu pai, Attio, era primo de Pompeu, o Grande. Além disso, após a morte de Caio Otávio, Áttia casou-se novamente, agora com um membro da *gens* Marcia, uma das mais ilustres famílias dentro da sociedade romana.

A intenção de Galinsky ao dedicar-se a explorar a árvore genealógica de Otávio é demonstrar como a vida deste personagem transformou-se ao logo dos anos. De início, possuía uma constituição física debilitada, agravada por subseqüentes crises de saúde. Além disso, provinha de uma família exterior a Roma, por parte paterna, e de uma família em ascensão, por parte materna. Seu padrasto, membro senatorial, foi o responsável por lhe ensinar os trâmites políticos de Roma, além de, juntamente com Áttia, educá-lo. Na ocasião da morte de seu tio-avô, Otávio não estava em Roma. Desempenhava a função de *magister equitum* e fora enviado à Apolônia para treinar com parte das legiões de César. Seu retorno a Roma foi condicionado pela abertura do testamento cesariano e por sua nomeação como único herdeiro (GALINSKY, 2012, p. 17-18).

É a partir do segundo capítulo, “*Power Struggles and Civil War*” (GALINSKY, 2012, p. 20-61), que o autor passa a mostrar a construção da carreira política do agora denominado Caio Júlio César (Otaviano). Os problemas da *Res Publica* não desapareceram com a morte de César nos Idos de Março de 44 a.C. Tais problemas demandavam soluções que os assassinos cesarianos não foram capazes de solucionar. A situação agravava-se a cada dia e, em meio ao caos, oportunidades para a ascensão pessoal de líderes políticos eram cada vez mais frequentes. É em meio a este turbulento momento que, segundo Galinsky, o jovem César aponta no cenário político romano (GALINSKY, 2012, p. 22). Nele, também desempenhavam seus papéis outros importantes personagens, tais como Antônio. Marco Antônio, na ocasião da morte de César, ocupava o cargo de cônsul, comandava várias legiões e detinha um lugar privilegiado em meio a Roma, ao contrário do jovem herdeiro. Para além disso, era considerado o braço direito de César e proclamava ser seu amigo, colocando-se, desta maneira, ao lado daqueles que buscavam por vingança. Ao fim, configurava-se no principal oponente de Otaviano. A disputa entre estes dois homens será o foco de todo este capítulo. Nele, Galinsky procura demonstrar que tratou-se tanto de uma contenda política quanto de um acirrado debate ideológico e propagandístico, onde as imagens dos dois romanos foram sendo construídas e reconstruídas, recriadas a todo momento na tentativa de destacar-se perante aos cidadãos romanos.

Para nosso autor, a vantagem midiática pertencia a Otaviano, principalmente após a divinação de César, o que o tornava *Divus Filius* (Filho do Divino César). Sua popularidade crescia cada vez mais, dando-lhe um papel maior no cenário de Roma. É desta forma que Otaviano vai construindo sua base de poder, adquirindo mais notoriedade e, com isso, une-se a Antônio e a Lépido durante o Segundo Triunvirato em 43 a.C. Neste ponto, é interessante que Karl Galinsky começa a ressaltar um ponto que será crucial durante toda a vida do futuro Augusto: a capacidade do jovem herdeiro de adequar-se a diferentes situações (GALINSKY, 2012, p. 25). Para garantir o apoio popular, vendeu propriedades, angariou fundos, pagou os débitos de seu tio-avô com a sociedade romana e conquistou o apoio de muitos dos veteranos de César. Ainda, tornou-se cônsul, sendo o mais jovem a ocupar este cargo.

Porém, o triunvirato não trouxe consigo a paz desejada. Nosso autor atribui a esse período o título de “anos sangrentos”, uma vez que é neste momento que podemos perceber uma das múltiplas facetas de Otaviano. Aqui, o jovem governante assume um papel, de certa forma, mais violento, repleto de excessos. O seu lado cruel passa a ser exposto aos seus inimigos, principalmente após a batalha contra Brutus, onde o jovem

governante decepa a cabeça de seu oponente e a envia para Roma. Para Galinsky, podemos encontrar um silêncio sobre essas ações de Otaviano nas documentações tanto do período quanto posteriores. Isso ocorre, em sua visão, por dois motivos: primeiramente, Otaviano, após a Batalha de Áccio, ordena que todos os registros, oficiais ou não, deste período sejam destruídos. Ainda, outro motivo seria que seu comportamento durante esses anos foi tão diferente dos anos posteriores, quando assume o título de Augusto, que muitos dos autores optaram por não incluir tais aspectos em seus relatos (GALINSKY, 2012, p. 32). Para nós, parece mais provável que o fato de Otaviano destruir tais arquivos faz com que tais comportamentos sejam proibidos de serem narrados, relatados ou, até mesmo, lembrados. Entretanto, o silêncio também reflete algo e nos instiga novos olhas e outras percepções.

A guerra contra Antônio é analisada por Galinsky no final deste mesmo capítulo, onde o autor coloca que Otaviano assume o papel de *Liberator* (libertador), aquele que seria o responsável por libertar Roma da opressão de um inimigo. Nota-se que esta guerra não era tratada como uma guerra civil, entre dois cidadãos romanos, mas sim como uma guerra de Roma contra uma sociedade estrangeira. Não era uma disputa de Otaviano versus Antônio, mas sim de Roma *versus* Cleópatra. A principal arma de Otaviano era a propaganda e as estratégias visuais reinaram neste momento. Cleópatra e, por conseguinte, seu amante, Antônio, passaram a ser propagandeados como inimigos de Roma, inimigo da *Res Publica*. O esforço massivo para mobilizar a opinião pública era necessário para compensar as deficiências constitucionais no cenário político romana de Otaviano, uma vez que, com o fim do Triunvirato em 33 a.C., ele retornava a condição de cidadão privado, sem direitos legais. A mesma arma propagandística será utilizada no decorrer de todo o seu governo, sendo adotada, inclusive, por seus sucessores.

A vitória de Otaviano em Áccio, em 31 a.C., era uma vitória de Roma sobre uma sociedade hostil, sobre o Egito e, principalmente, sobre Cleópatra. As repercussões para a imagem do vencedor foram enormes e culminaram em algo diferente, em mudanças para a sociedade romana como um todo. É sobre isto que o terceiro capítulo, “*The experimente of the Principate*” (GALINSKY, 2012, p. 61-83) vai pautar-se. Nele, o autor tenta demonstrar como o jovem César coloca-se como restaurador da *Res Publica*, mais uma vez utilizando-se da imagem de libertador, de salvador (GALINSKY, 2012, p. 62). É neste momento que podemos perceber a capacidade de articulações de Otaviano. Como Galinsky muito bem ressalta, o futuro Augusto tentou afastar-se de tudo que o interligasse com características ditatoriais ou tirânicas, as mesmas que

culminaram no assassinato de seu tio-avô. Pelo contrário, as manobras políticas do herdeiro Júlio-Claudiano eram cuidadosamente pensadas. Por exemplo, o fato de ele colocar-se como *restaurador* foi algo de extrema importância para a sociedade da época. Ele não estava tentando impor algo novo, uma ditadura ou uma monarquia. Ele propunha a volta dos valores republicanos que existiam em Roma antes das guerras civis. Entretanto, toda restauração política vem acompanhada de mudanças, muitas dessas sutis. Forma-se, assim, o Principado Romano. Ao contrário do que muitos estudiosos defendem, não tratou-se de uma República disfarça, ou de uma monarquia republicana. Era um novo sistema político, algo que Galinsky denomina como “*Constitution Plus*”. Esse novo modelo governamental é bem explicitado pela maneira como o próprio Otaviano mantém-se no poder, sempre amparado por títulos constitucionais, pela *potestas*, além de sua própria *auctoritas*. O título de *Princeps* constituiu-se em um destes exemplos, uma vez que é um título republicano, que denomina o primeiro dos homens dentro do Senado Romano e não apresenta nenhuma ligação com a tão temida monarquia. O título de Augustus, que transforma-se em um nome, só vem a somar essa concepção, sendo possui um caráter divino. Em geral, é importante percebemos, como bem destaca Galinsky, que mesmo com toda sua *auctoritas*, Augusto ainda precisa da *potestas*, do poder instituído, para legitimar-se perante a sociedade de Roma.

Em seu quarto capítulo, “*The Challenge of Pax Augusta*” (GALINSKY, 2012, p. 84-109), o autor vai tratar de algo muito debate nas análises sobre o período augustano: a Paz Romana. Para muitos pesquisadores, esse arco cronológico, do governo de Augusto, foi marcado pela paz entre a sociedade romana e outras sociedades romanas. Pelo contrário, Galinsky demonstra que essa concepção pode estar muito equivocada, sendo que Roma nunca parou suas batalhas externas, expandindo-se cada vez mais sob o comando de Augusto. O governante trouxe a “paz” domesticamente, no sentido de acabar com as guerras civis e, mesmo assim, pequenas turbulências internas continuaram frequentes em meio a sociedade romana.

Tais agitações podem ser vistas, inclusive, na própria família imperial augustana, como o autor explicita em seu próximo capítulo, “*Augustus at Rome: Friends and Family*” (GALINSKY, 2012, p. 110-143). Augusto possuiu uma ampla família, sempre constituída por ligações matrimoniais e políticas. Casado com Lúvia Drusilla desde 38 a.C., o casal nunca teve herdeiros próprios. A única filha de Augusto, Júlia, era proveniente de seu casamento com Scribonia, de que se separou para casar-se com Lúvia. O importante a ser ressaltado é que Lúvia tornou-se importante tanto para a vida

particular quanto para a vida pública de Augusto. Ela exerceu um papel de grande relevância e, também ambíguo, na sociedade romana. Lívia mantinha-se nos bastidores políticos, não aparecendo na *Res Gestae* e não tendo moedas cunhadas com a sua imagem em seu próprio tempo. Porém, possuía ao mesmo tempo direitos sem precedentes, tendo, inclusive, o direito de ser retratada em estátuas, algo não comum para mulheres vivas. Com o restante da família de Augusto, as coisas não foram tão simples. Sua vida familiar é marcada por constantes problemas, tanto no quesito de pessoal quanto no político. Augusto não possuía herdeiros vivos de seu próprio sangue, o que veio a dificultar o quesito da hereditariedade do poder. Mais uma vez, vemos empregada aqui a tática da adoção, também utilizada por seu antecessor, Júlio César.

Nos capítulos seguintes, “*The cultural Vitality*” (GALINSKY, 2012, p. 144-158) e “*The Augustan Empire: Unity and Diversity*” (GALINSKY, 2012, p. 159-175), o autor vai tratar de dois pontos importantes para compreendermos o período de Augusto: as características culturais que permearam seu governo e a questão em torno da chamada unidade imperial. O governo de Augusto foi um tempo de grande criatividade, como bem destaca Galinsky em toda obra. Assim como seu sistema de governo, a cultura desse período é marcada pela mistura entre a tradição e a inovação, entre o passado e o presente. Tais aspectos irão ser representados na poesia, na arte, na arquitetura e, inclusive, na literatura. Enquanto o passado é mantido, os monumentos são restaurados e novos são criadas, mudanças são introduzidas. A cultura augustana não é monolítica, está em constante transformação, ao mesmo tempo mantendo as tradições e introduzindo inovações (GALINSKY, 2012, p. 154). O mesmo devemos pensar sobre o termo de Império Augustano. Antes de Augusto, a palavra *Imperium* não possuía uma conotação territorial. Tratava-se de um título, de caráter militar, designado a um general vitorioso. É na *Res Gestae* que, pela primeira vez, aparece a expressão *Imperium Populi Romani*, com a intenção de nomear todos aqueles sobre a extensão territorial romana. Como ressalva nosso autor, é errôneo pensarmos no termo de unificação ou, até mesmo, de romanização como algo homogêneo. A sociedade romana, o que engloba tanto Roma quanto suas províncias, é algo híbrido, heterogêneo e multifacetado. Para Galinsky, assim como o governo de Augusto, apresenta em seu cerne a diversidade.

Em seu último capítulo, “*The Final Days and an Assessment*” (GALINSKY, 2012, p. 176-186), Karl Galinsky irá tratar da morte de Augusto e, por fim, de seu legado. Augusto faleceu em 14 d.C., em Nola. Segundo o autor, seu funeral foi seu último show. Seguindo as especificações do próprio governante, a cerimônia fúnebre

teve ares de um desfile triunfal, mesclando, novamente, a tradição com a inovação. Como seu sucessor, Augusto deixava Tibério, filho de Lívia, a quem adotou ainda em vida. Após sua morte, Augusto deixou de ser *Divus Filius*, para ser *Divus*. Não mais só o filho de um deus, transformou-se em um.

O impacto de Augusto em seu próprio mundo e na História em geral foi algo grandioso e é exatamente esse ponto que esse que o autor Karl Galinsky quer demonstrar com este livro que ele mesmo chama de algo “introdutório”. Augusto foi, realmente, uma figura-chave para a Antiguidade Clássica. Ele ditou o modelo para muitos, foi seguido por muitos outros. Sua vida pessoal sempre apareceu interligada a sua vida pública, a política e a sociedade de seu próprio tempo. Como restaurador da *Res Publica*, este Imperador criou algo novo, um sistema de governo híbrido, onde as tradições mesclavam-se com as inovações. Acima de tudo, criou algo que foi aceito pela maior parte da população romana, que ainda acredita estar vivendo na *Res Publica*.

Assim como Augusto configurou-se em uma figura-chave na Antiguidade Clássica, o livro de Galinsky também demonstra ser um aparato crucial para nos introduzir no governo deste Imperador e, por conseguinte, na sociedade romana de seu período.

Notas

¹ Cabe ressaltar aqui as diferentes nomenclaturas que este Imperador Romano recebe ao longo de sua vida. Ao nascer, é nomeado Otávio, o qual é indicativo da família a que pertence. Após a morte de Júlio César, Otávio é proclamado seu herdeiro, uma vez que é adotado por este em seu testamento. A partir deste momento, passa utilizar o nome Caio Júlio César. Nesse mesmo período, Cícero, importante orador romano, lhe atribui a alcunha de Otaviano, para que, desta forma, o jovem herdeiro não seja confundido com seu falecido tio. Em 27 a.C., Otaviano recebe o título de Augusto, nome que utiliza a partir de então.

Resenha recebida em: 12/11/14. Aprovada em: 15/02/14.